



REINO UNIDO / Milhares de súditos britânicos encaram horas em filas quilométricas para ver o caixão com o corpo da rainha, falecida uma semana atrás, aos 96 anos. Velório se estenderá até domingo

Londres se despede de Elizabeth II

» RODRIGO CRAVEIRO

Chris Imafidon foi a sexta pessoa a entrar em Westminster Hall, ala do Parlamento do Reino Unido, para se despedir da rainha Elizabeth II, no primeiro dia de velório em Londres. “O tempo em que fiquei na fila foi algo insignificante, em comparação com o quanto ela lutou, se sacrificou e nos deu uma lição de altruísmo”, afirmou ao **Correio** o consultor da monarquia e especialista em família real britânica. “Diante do caixão, fiquei cerca de três minutos em oração e em calma contemplação. Eu fiquei congelado no tempo, quando vi a realidade da partida de Elizabeth. Ela foi grande em tantas coisas”, acrescentou.

Segundo Imafidon, a experiência de participar do velório da soberana envolveu “milhares de emoções”. “Para mim, a rainha Elizabeth representa modestia, apesar da majestade. Ela era uma pessoa humilde. Tanto que permitiu que meus filhos a visitassem no palácio. Ela se interessava pelas crianças de bairros pobres. Não havia interesse dela nos privilégios da realeza”, comentou. “A rainha tinha um perfil no Instagram! Ela mostrou a mim que a tecnologia pode ser usada em prol da eficiência. Apesar de ter 96 anos, tinha Instagram e Facebook.”

Assim como o consultor, milhares de britânicos começaram a desfilar em frente ao caixão feito de carvalho inglês e forrado com chumbo, onde repousa o corpo de Elizabeth II. A urna foi coberta pelo estandarte real e pela coroa imperial, que possui 2.868 diamantes e pedras preciosas, incluindo 17 safiras, 11 esmeraldas e 269 pérolas. O maior dos diamantes está na parte dianteira, o Cullinan II, ou “segunda estrela da África”, com 317 quilates. O caixão está sobre um alto catafalco roxo. Vários guardas em uniforme de gala permanecem na câmara ardente o tempo todo.

A expectativa é que até domingo cerca de 750 mil pessoas

Chris J. Ratcliffe/AFP



O rei Charles III e a princesa Anne, seguidos pelo príncipe William e por Harry, sem uniforme militar, no cortejo da rainha Elizabeth II

Alkis Konstantinidis/AFP



A Coroa Imperial sobre o caixão da monarca, em Westminster Hall

visitem o caixão e enfrentem filas de até 10km. A visita pública se estenderá até a madrugada de segunda-feira, quando o caixão será levado para o funeral de Estado na Abadia de Westminster, na presença de lideranças mundiais, e sepultado na Capela George VI do Castelo de Windsor.

Antes do velório, o cortejo fúnebre deixou o Palácio de Buckingham, residência de Elizabeth II, e seguiu até Westminster Hall.

Puxado por cavalos, o caixão foi seguido a pé pelo rei Charles III, 73 anos, e seus irmãos Anne (72), Andrews (62) e Edward (58). A procissão contou com as presenças de William, agora o herdeiro imediato do trono britânico, e seu irmão Harry, que chamou a atenção por ser o único a vestir terno, e não o uniforme militar. Em 2020, Harry abdicou das funções dentro da monarquia e mudou-se com a esposa, Meghan

Markle, para os EUA.

O trajeto durou 40 minutos, ao som das marchas fúnebres de Beethoven, Chopin e Mendelssohn, executadas pelas bandas da Guarda Escocesa e da Guarda Granadeira. Durante o caminho, milhares de pessoas renderam homenagens à rainha, falecida em 8 de setembro, no castelo de Balmoral, na Escócia. A cada minuto, canhões dispararam uma salva, enquanto o sino do Big Ben ressoava.

Ontem, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, telefonou para o príncipe Charles III pela primeira vez desde a morte de Elizabeth II, ofereceu-lhe suas condolências e pediu uma “relação próxima” contínua.

O consultor Chris Imafidon disse à reportagem estar pronto para conceder o benefício da dúvida para Charles III. “Ele não tem experiência em ser rei, ao contrário da mãe, que foi monarca por sete décadas. Acredito que a liderança é como um biscoito. Por mais que eu ficasse na cozinha, ao lado de mamãe, não aprendi a fazer biscoitos, pois isso envolve uma habilidade prática. Charles III terá de praticar a liderança”, comparou.

» Demissões polêmicas

As demissões são “inevitáveis” em Clarence House, a antiga residência oficial do agora rei Charles III, afirmou um porta-voz, uma decisão que foi rapidamente anunciada após sua ascensão ao trono, ganhando as críticas de um sindicato. Dezenas de membros do pessoal da Clarence House receberam sua carta de demissão, segundo o jornal *The Guardian*. Quase cem pessoas trabalhavam na residência do ex-príncipe de Gales, algumas há décadas. Os serviços do rei e da rainha consorte Camilla serão transferidos ao Palácio de Buckingham, residência oficial dos monarcas em Londres. “Após a ascensão ao trono na semana passada, as operações de residência do ex-príncipe de Gales e da ex-duquesa da Cornualha acabaram e, como exige a lei, começou um processo de consulta”, indicou a Clarence House.

ARGENTINA

"Mandei matar Cristina", disse noiva de brasileiro

AFP



Arma apontada para a cabeça de Cristina Kirchner não disparou

Uma mensagem encontrada no celular de Brenda Uliarte complicou a situação dela e de Fernando Sabag Montiel, o brasileiro radicado na Argentina que tentou assassinar Cristina Fernández de Kirchner, em 1º de setembro. “Enviei um cara para matar Cristi”, afirma o texto enviado à amiga Agustina Díaz, na noite de 27 de agosto. Segundo o jornal *Clarín*, a conversa fazia referência à primeira tentativa frustrada de atentado. Os investigadores também encontraram diálogos comprometedores envolvendo Uliarte e o atirador Montiel. Ambos foram formalmente acusados pelo crime não consumado.

Brenda voltou a ser interrogada pelo promotor Carlos Rívolo, que pediu-lhe para definir como entende o ódio e o amor. De acordo com ela, amor é “quando você ama alguém ou quando há algo que o encanta”. “Odiar é repudiar. É estar insatisfeito”, continuou. O procurador perguntou à mulher qual dos conceitos caberia ao seu sentimento em relação a

Cristina. “Ódio”, respondeu,

Ainda segundo o *Clarín*, nas mensagens trocadas com a amiga, no dia da primeira tentativa de ataque, Brenda Uliarte anuncia: “Hoje eu me converto em San Martín, mandarei matar Cristina”. “Mandei matar a vice Cristina. (...) Enviei um cara para matar Cris”. A noiva de Montiel garante que o homem que assassinaria Kirchner no primeiro atentado nada cobrou pelo ato. Agustina também está presa pelo atentado. Foi capturada anteontem pela polícia argentina.

Nova prisão

Um quarto suspeito de participação no ataque de 1º de setembro foi detido ontem. Trata-se de Gabriel Carrizo, integrante do grupo de vendedores de algodão doce do qual Fernando e Brenda faziam parte. Os investigadores pretendem realizar uma perícia no celular de Carrizo para determinar o seu grau de envolvimento no crime.

A tentativa de magnicídio, em

frente à residência de Cristina Kirchner, somente não se consumou porque a pistola usada por Montiel e apontada a centímetros da cabeça de Cristina não disparou. O brasileiro foi preso na mesma noite do ataque. Brenda Uliarte também estava no local e saiu após a prisão do namorado, segundo as imagens de câmeras de vigilância. Ela foi encarcerada três dias depois.

Fotografias encontradas no celular de Sabag Montiel mostram o casal posando com a pistola Bersa 32 com a qual o ataque de 1º de setembro foi realizado. Nas duas audiências de inquérito, ele se recusou a responder às perguntas do juiz, limitando-se a eximir a namorada de envolvimento no crime.

Montiel foi descrito como um mitomaniaco, com vida marginal, tatuado com símbolos nazistas, mas sem ativismo político conhecido, embora com mensagens críticas ao governo de Alberto Fernández e Kirchner. Junto com a namorada, vendia algodão doce em passeios públicos.

UCRÂNIA

Suposta câmara de tortura russa

O calabouço na delegacia de polícia de Balakliya, a 74km de Kharkiv, no nordeste da Ucrânia, trazia estampada na parede a oração do Pai Nosso — um lembrete dos supostos horrores que teriam sido cometidos no local. As autoridades ucranianas afirmam que ali funcionava uma câmara de tortura, abandonada em 8 de setembro, depois que as tropas russas saíram da localidade, encerrando a ocupação de seis meses. De acordo com relato de um ex-prisioneiro, entre os métodos utilizados pelos soldados estrangeiros, que montaram um quartel-general no prédio, estavam o choque elétrico e o disparo de armas de fogo a curta distância da cabeça do preso.

A descoberta foi anunciada no mesmo dia em que o presidente Volodymyr Zelensky fez uma visita surpresa a Izium, a apenas 40km dali. Antes de a Rússia invadir a Ucrânia e conquistá-la, a cidade tinha cerca de 45 mil moradores. As forças ucranianas conseguiram retomar o controle de Izium em uma ofensiva-relâmpago. Zelensky agradeceu às tropas pela contraofensiva e pediu um minuto de silêncio em memória dos mortos.

Em uma gravação de vídeo, Zelensky traça um paralelo entre Izium e a cidade de Bucha, palco de uma massacre ocorrido no primeiro mês de invasão, em março passado. “É a mesma coisa: casas destruídas, pessoas assassinadas. Isso faz parte da nossa história, parte da nação russa moderna”, declarou Zelensky.

Em entrevista à emissora britânica BBC, um morador de Balakliya identificado como Artem contou ter sido mantido preso na delegacia por 40 dias e revelou que os russos desligavam o sistema de ventilação para que todos os demais prisioneiros escutassem a tortura. “Faziam isso com alguns presos, todos os dias, até mesmo com as mulheres”, descreveu.

Ontem, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, conversou por telefone com o presidente da Rússia, Vladimir Putin. Ao fim da ligação, demonstrou pessimismo. “Ainda estamos longe do fim da guerra. Não existe um cessar-fogo à vista.”

Em entrevista ao **Correio**, Anton Suslov — analista da Escola de Análise Política (naU-KMA), em Kiev — apontou diferenças entre Zelensky e Putin. “Enquanto o russo minimiza as conexões com pessoas fora de seu círculo mais íntimo, o ucraniano mantém uma série de reuniões com líderes estrangeiros e apela ao povo de seu país. Enquanto as tropas russas perdem centenas de soldados todos os dias e são forçados a abandonar os territórios ocupados, seu líder se esconde. Por sua vez, Zelensky demonstra que está ao lado de sua gente e das Forças Armadas. Os soldados russos veem a diferença e se sentem desmoralizados.” (RC)

Twitter/Reprodução



Na parede da prisão, o “Pai Nosso” escrito por um detento